

## AGRO-COMBUSTÍVEIS: ENTRE A TENTAÇÃO E A SUSTENTABILIDADE

MOHAMED HABIB<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Zoologia – Instituto de Biologia/ UNICAMP

E-mail: habib@reitoria.unicamp.br

O etanol, produzido a partir de monoculturas de cana-de-açúcar, foi apresentado nos anos 70 para a sociedade brasileira como o único instrumento capaz de salvar o Brasil da então crise do petróleo. Sabemos em que deu. Agora é a vez do aquecimento global para sustentar as propostas de aumento de produção de etanol e, ainda, da produção de agrodiesel a partir de plantas oleaginosas.

O Ministério de Agricultura, estimulado pelos usineiros, pelos grandes produtores de soja e ainda com grandes incentivos de multinacionais fabricantes de agrotóxicos, entende que estamos diante de uma grande oportunidade de exportação de energia para países asiáticos, europeus e norte-americanos. O Governo acredita que chegou a hora de resolver o problema da exclusão social do campo a partir da produção de biodiesel por agricultores familiares e pequenos produtores. O entusiasmo é tanto que, o próprio presidente Lula tornou-se o “menino propaganda”.

A responsabilidade acadêmica me leva, neste Editorial, a apresentar uma análise, resumida, desta questão, à luz dos conceitos de desenvolvimento sustentável e da realidade sócio-ambiental brasileira.

Produzir biodiesel em pequenas propriedades dentro das estratégias de agricultura sustentável é, sem dúvida, tecnicamente viável. Por outro lado, seria produção limitada e para consumo local. E, o mais importante, a avaliação da sua viabilidade econômica deve, obrigatoriamente, seguir os parâmetros estabelecidos pelas ciências agroecológicas. Tal opção, dentro de um sistema de produção diversificada, é bastante desejável para pequenas demandas locais, propiciando com isso o alcance, cada vez maior, de autonomies energéticas.

A agricultura empresarial, por outro lado, caracterizada por monocultivos em vastas áreas, totalmente dependente de insumos, fertilizantes e de agrotóxicos químicos, é um modelo de produção tipo “fábrica”. A lavoura, neste caso, é um mero espaço físico, receptor de materiais, energias e práticas para poder assegurar a sua produção. É uma agricultura totalmente dependente de derivados e petróleo, inclusive para sustentar o uso das máquinas para as diferentes funções praticadas na lavoura, desde a semeadura até a colheita.

Produzir fonte renovável (vegetal) para disponibilizar energia, de uma forma totalmente dependente de recursos não renovável como petróleo, no mínimo merece alguma reflexão da Academia, principalmente quando se leva em consideração o tamanho da área a ser cultivada e a finalidade da



produção dessa energia de origem agrícola. Produzir energia limpa através de praticas não limpas é bastante questionável.

Redução drástica da biodiversidade brasileira e eliminação de ecossistemas naturais, impacto ambiental causado pelas aplicações de absurdas quantidades de agrotóxicos, aumento no custo de produção e no preço de alimentos, expulsão pacífica dos pequenos proprietários de terras, agravamento da exclusão social, são indicadores preocupantes que merecem muito a atenção de todos os setores da sociedade.

Finalmente, é de lembrar que em vez de destruir o presente e comprometer o futuro apenas para garantir lucros exagerados para as indústrias automobilísticas, e para os poderosos sonhadores com os agro-combustíveis, seria muito mais ético, científico, justo e inteligente evoluir com nosso sistema de transporte, abandonando o equivocado modelo automobilístico e partindo para o transporte coletivo de metrô e de trens.

Os pesquisadores da área de Ecologia e Ciências do Ambiente precisam atuar intensamente para disponibilizar, através da pesquisa, dados e informações que possam orientar os diferentes setores da sociedade para alternativas mais sustentáveis.